

novembro 2025

Os pesquisadores brasileiros que mais influenciam políticas públicas

produção

bori
overton

Os pesquisadores brasileiros que mais influenciam políticas públicas

Novembro de 2025

Sumário Executivo	02
Introdução	03
1. Os pesquisadores mais influentes em tomadas de decisão	05
2. Como a ciência influencia políticas públicas	10
3. A participação feminina	11
4. Principais temas	12
5. ODS 13: Ação contra a mudança global do clima	16
Conclusão	18
Anexo 1 - Relação de 107 pesquisadores do Brasil com mais menções em políticas públicas	19
Anexo 2 - Relação de 50 pesquisadores do Brasil com mais menções em documentos relacionados ao ODS 13: Ação contra a mudança global do clima”	23

Atualização em 05/11/2025, às 15h30

Sumário Executivo

- Análise em parceria da Bori com a base de dados Overton traz uma relação de 107 pesquisadores brasileiros com pelo menos 150 citações em documentos estratégicos, relatórios técnicos e pareceres usados por governos, organismos internacionais e organizações da sociedade civil publicados desde 2019 até a data de extração das informações (julho de 2025);
- A USP reúne quase um quarto dos pesquisadores e pesquisadoras mais mencionados em políticas públicas (22 no total). É a universidade com maior número de cientistas na lista;
- Entre os cinco mais influentes em tomadas de decisão, há também pesquisadores da Ufpel (Universidade Federal de Pelotas): Cesar G Victora (1º lugar, Ufpel), Carlos Monteiro (2º lugar, USP), Aluísio Barros (3º lugar, Ufpel), Paulo Saldiva (4º lugar, USP) e Pedro Hallal (5º lugar, Ufpel). Todos trabalham na área de saúde e somam mais de 5.500 citações em documentos ligados a tomadas de decisão;
- Há baixa presença de mulheres entre os pesquisadores do Brasil que mais influenciam políticas públicas: das 107 pessoas mapeadas, apenas 22 são mulheres, o que corresponde a 20,5% do total;
- A maior parte dos pesquisadores tem trabalhos mencionados em documentos de tomadas de decisão sobre Ecossistemas e Uso da Terra: entre os 107 nomes mapeados, 37 (35%) se destacam por concentrar esforços em temas que fazem do Brasil uma peça-chave no debate ambiental global. Esses trabalhos tratam de desmatamento, conservação, restauração e do papel dos ecossistemas na regulação do clima e na oferta de serviços essenciais à sociedade;
- Em análise específica sobre documentos relacionados ao ODS 13: Ação contra a mudança global do clima, observa-se, no topo da lista, uma presença importante de pesquisadores do Inpe, da USP e da UFRJ;
- Como exemplos de cientistas com impacto internacional em documentos relacionados ao ODS 13, destacam-se Paulo Artaxo (USP), citado no relatório “AR6 Climate Change 2022” (IPCC), documento referenciado por mais de 3.500 outros relatórios de políticas; e Bernardo Strassburg (PUC-Rio), cujo trabalho embasou o relatório “Global Warming of 1.5° C” da Organização Meteorológica Mundial (WMO), amplamente utilizado por formuladores de políticas climáticas em diversos países.

Introdução

A ciência brasileira exerce um papel cada vez mais visível na formulação de políticas públicas. Do combate a epidemias ao monitoramento do desmatamento, passando pela regulação de alimentos e pelos debates sobre mudanças climáticas, pesquisadores têm saído dos laboratórios e salas de aula para influenciar diretamente decisões que afetam milhões de pessoas. Este relatório, fruto da parceria entre Bori e Overton, busca revelar quem são esses cientistas e como eles moldam a agenda pública do país.

A partir da análise de dados de documentos relacionados a tomadas de decisão publicados desde 2019 até a data de extração das informações (22 de julho de 2025), foram identificados os pesquisadores e as pesquisadoras brasileiros mais citados em documentos estratégicos, relatórios técnicos e pareceres usados por governos, organismos internacionais e organizações da sociedade civil em todo o mundo — cada um com pelo menos 150 citações. Com isso, chegou-se a uma lista de 107 nomes.

A seleção inicial veio de um levantamento amplo em bases de dados da Overton que monitoram menções fora do circuito estritamente científico. Não se trata apenas de medir produção acadêmica, mas de mapear impacto real: quais vozes da ciência são mobilizadas quando é preciso decidir sobre florestas, vacinas, economia ou desigualdade.

A partir dessa lista, realizamos um processo de padronização de nomes e afiliações institucionais, de modo a evitar duplicações e inconsistências. Em seguida, cada pesquisador foi classificado de acordo com as áreas e temas predominantes de sua produção e de sua influência em tomadas de decisão em quatro grandes temas: saúde, ambiente, ciências sociais e política.

Na sequência, foi feita, para este relatório, uma classificação em nove macrocategorias, que vão dos ecossistemas e uso da terra, que concentram os debates sobre Amazônia e Cerrado, ao campo das doenças infecciosas e vacinas, decisivo durante a pandemia. Passam ainda por áreas cruciais como clima e atmosfera, doenças crônicas, alimentação e nutrição, economia e finanças, além de campos menores em número, mas estratégicos em influência, como políticas públicas e governança, energia e transição e educação. Essa classificação não foi automática: combinou leitura dos temas, busca em bases acadêmicas e oficiais, além de ajustes interpretativos para garantir coerência e comparabilidade.

Dada a realização da COP30 no Brasil, o documento traz também uma análise especificamente aplicando o filtro “Relacionados ao ODS 13: Ação contra a mudança global do clima”, identificando políticas vinculadas ao tema. Isso foi feito em documentos publicados desde 2019 até a data de extração das informações (21 de outubro de 2025). Nesse caso, foram identificados 50 nomes com mais de 7.600 menções em documentos relacionados ao tema.

Ao longo das próximas páginas, o leitor encontrará uma radiografia desse grupo, com descrições acessíveis sobre suas áreas de atuação e exemplos dos principais nomes que hoje traduzem ciência em ação política. É um convite para compreender como o conhecimento se

transforma em decisões — e por que acompanhar esses pesquisadores é acompanhar também os rumos do país.

Sobre a Bori

A Bori conecta a ciência brasileira e a produção de conhecimento à sociedade por meio da comunicação. Criada para facilitar o acesso de jornalistas a estudos inéditos e fontes qualificadas, nasceu com a convicção de que a ciência precisa ultrapassar muros e transformar realidades. Em apenas cinco anos, já divulgou à imprensa mais de 850 estudos, o que gerou mais de 10 mil notícias e mantém uma rede ativa de mais de 3.500 jornalistas cadastrados em todas as regiões do Brasil. Além de aproximar a imprensa da produção acadêmica, a Bori promove treinamentos, elabora pacotes de comunicação científica sob medida e influencia políticas públicas com base em evidências, sempre com o objetivo de promover a incidência do conhecimento científico na sociedade.

Sobre a Overton

A Overton é a maior plataforma internacional dedicada a mapear a interface entre ciência e políticas públicas. Compila e organiza milhões de documentos de centenas de países e organizações multilaterais, incluindo relatórios de ministérios, parlamentos, agências regulatórias e organismos internacionais. Seu objetivo é tornar visível como a pesquisa acadêmica é citada e utilizada em relatórios, pareceres e recomendações, permitindo rastrear a influência da ciência na formulação de políticas. Além de oferecer dados comparativos e indicadores, a Overton fornece ferramentas para que pesquisadores, gestores e jornalistas acompanhem em tempo real como a produção científica repercute em decisões concretas. Foi a partir dessa base global que se construiu parte essencial deste relatório.

Como citar este relatório:

Bori-Overton (2025). Os pesquisadores brasileiros que mais influenciam políticas públicas. Relatório técnico. Publicado em outubro de 2025. Disponível em: <https://abori.com.br/relatorios/>

1. Os pesquisadores mais influentes em tomadas de decisão

Os cinco pesquisadores mais influentes em tomadas de decisão identificados neste relatório são vinculados à Ufpel (Universidade Federal de Pelotas) e à USP (Universidade de São Paulo): Cesar G Victora (1º lugar, Ufpel), Carlos Monteiro (2º lugar, USP), Aluísio Barros (3º lugar, Ufpel), Paulo Saldiva (4º lugar, USP) e Pedro Hallal (5º lugar, Ufpel). Todos trabalham na área de saúde e na intersecção de saúde com a área ambiental. Juntos, eles têm 315 trabalhos que somam mais de 5,5 mil citações em documentos ligados a tomadas de decisão.

Ao todo, a USP reúne quase um quarto dos pesquisadores e pesquisadoras mais mencionados em políticas públicas. Pelo menos 22 pesquisadores no total de 107 nomes são vinculados prioritariamente à Universidade de São Paulo. Somados, os pesquisadores e pesquisadoras da USP assinam mais de mil trabalhos acadêmicos que têm mais de 6.700 citações de trabalhos acadêmicos em documentos de tomadas de decisão. Na sequência figura a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), com sete pesquisadores entre os mais citados em políticas públicas (somando cerca de 1.800 citações).

Tabela 1. Top 10 pesquisadores brasileiros mais citados em documentos relacionados a tomadas de decisão (2019 - julho de 2025)

Nome	Instituição	Artigos citados	Documentos de tomadas de decisão	Área dos documentos
Cesar G Victora	Universidade Federal de Pelotas	231	3109	Alimentação e nutrição
Carlos Augusto Monteiro	Universidade de São Paulo	142	890	Alimentação e nutrição
Aluísio J D Barros	Universidade Federal de Pelotas	143	874	Doenças não transmissíveis e serviços
Paulo Hilário Nascimento Saldiva	Universidade de São Paulo	100	631	Clima e Atmosfera
Pedro C Hallal	Universidade Federal de Pelotas	72	618	Doenças não transmissíveis e serviços
João S Campari	Federal Government of Brazil	3	586	Clima e Atmosfera; Ecossistemas e Uso da Terra
Pedro H S Brancalion	Forest Science and Research Institute / USP	106	583	Ecossistemas e Uso da Terra
Bernardo B N Strassburg	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	43	572	Ecossistemas e Uso da Terra
Álvaro Avezum	Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia / Hospital Alemão Oswaldo Cruz	96	567	Doenças infecciosas e vacinas
Britaldo Soares-Filho	Universidade Federal de Minas Gerais	88	564	Ecossistemas e Uso da Terra

Foto: CNPq / Daniela Xu



Cesar Victora

Professor emérito, cofundador e ex-diretor do Centro Internacional de Equidade em Saúde (Ufpel)

**231 trabalhos acadêmicos mencionados em
3.109 documentos de políticas públicas**

“Fazer pesquisas que embasam e direcionam políticas públicas é o mais alto reconhecimento que um cientista pode receber da sociedade. Somente com políticas e programas baseados em evidência poderemos neutralizar a circulação de falsas e perigosas informações, por exemplo, as recomendações de tratar Covid-19 com cloroquina ou ivermectina, os alertas sobre os falsos riscos das vacinas ou os questionamentos sobre a própria existência das mudanças climáticas.”

Foto: Nupens/USP / Kio Lima



Carlos Monteiro

Pesquisador fundador do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens), da Faculdade de Saúde Pública da USP

**142 trabalhos acadêmicos mencionados em
890 documentos de políticas públicas**

“No Nupens, sempre buscamos fazer uma ciência que dialogue com os grandes desafios sociais do nosso tempo — uma ciência financiada com recursos públicos e livre de conflitos de interesse. O impacto que nossas pesquisas têm tido na formulação de políticas públicas, como o Guia Alimentar para a População Brasileira, mostra que o conhecimento científico pode orientar ações concretas do Estado em favor da saúde da população e da construção de sistemas alimentares mais sustentáveis e justos. Esse reconhecimento reforça a importância de valorizar e proteger a pesquisa científica independente, comprometida com o interesse público e com a promoção da saúde coletiva.”

Foto: Daniela Xu



Aluisio J. D. Barros

Cofundador e diretor do Centro Internacional de Equidade em Saúde (Ufpel)

143 trabalhos acadêmicos mencionados em 874 documentos de políticas públicas

“As decisões de políticas públicas são complexas, exigindo o balanço entre fatores políticos, econômicos e a opinião pública. Nesse contexto, a informação robusta, embasada em ciência, não é apenas um fator, mas sim o elemento essencial que confere credibilidade, objetividade e a maior probabilidade de sucesso à política adotada. É o que permite que o resultado final seja a melhor decisão possível e não apenas a mais popular.”

Foto: Divulgação



Paulo Saldiva

Médico patologista e professor da Faculdade de Medicina da USP. Foi membro do comitê que estabeleceu os padrões de qualidade do ar e do comitê que definiu o potencial carcinogênico da poluição atmosférica, ambos da OMS

100 trabalhos acadêmicos mencionados em 631 documentos de políticas públicas

“A ciência tem de produzir conhecimento e tem de investir na implementação desses conhecimentos para colocar em operação conceitos que são importantes. Os/as cientistas têm de criar novas estratégias que sejam criadas apropriadas pelos gestores — e isso tem de ser valorizado. Quando um cientista publica um artigo em um periódico como a Science, há mecanismos que medem os impactos disso. Se um pesquisador, no entanto, redesenha ou ajuda um/a gestor/a a desenhar uma política pública, isso é menos valorizado na universidade. É preciso ter mecanismos para valorizar esse tipo de iniciativa.”

Foto: Divulgação



Pedro Hallal

Docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia (Ufpel)

**72 trabalhos acadêmicos mencionados em
618 documentos de políticas públicas**

“Recentemente, durante a pandemia de Covid-19, vivemos uma fase em que as decisões em saúde pública eram tomadas com base em ideologia, e não em evidências científicas. Não por acaso, o Brasil teve uma mortalidade por Covid-19 quatro vezes maior do que a média mundial. Políticas públicas só fazem sentido se forem desenhadas com base nas melhores evidências científicas disponíveis.”

2. Como a ciência influencia políticas públicas

A influência da ciência nas políticas públicas não ocorre de forma abstrata, mas a partir de evidências concretas que passam a embasar programas governamentais, legislações e estratégias de áreas como saúde e nutrição. Estudos desenvolvidos no Brasil já tiveram repercussão nacional e internacional, sendo usados como referência por ministérios, organizações multilaterais e agências regulatórias em diferentes países.

Um exemplo é o trabalho de Cesar Victora (Ufpel) sobre amamentação, citado em documentos de políticas públicas em países que vão do Reino Unido ao Uruguai. Seus estudos embasaram a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança no Brasil e ainda fundamentaram o relatório da OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre desenvolvimento infantil, que por sua vez impactou quase duas centenas de outros documentos em 21 países. Ao todo, ele tem 231 trabalhos acadêmicos mencionados em 3.109 documentos de políticas públicas no período analisado neste relatório (desde 2019).

Outro caso é a pesquisa de Carlos Monteiro (USP), que impacta as políticas públicas de alimentação e nutrição a partir do Guia Alimentar para a População Brasileira e da classificação Nova de Alimentos, que divide os alimentos em grupos de acordo com o nível de processamento industrial que sofreram — e que cunhou o termo "ultraprocessados" no Brasil e no mundo. Seus trabalhos foram incorporados em guias do Ministério da Saúde, em relatórios da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e em estratégias de governos da Europa, África, Ásia e América Latina, tornando-se referências centrais para programas de alimentação e nutrição em múltiplos contextos.

A influência também se observa em estudos de Aluísio J. D. Barros (Ufpel), sobre a transformação dos sistemas de alimentação infantil e a ascensão das fórmulas lácteas comerciais. Suas pesquisas foram incorporadas a relatórios da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) e inspiraram documentos em mais de 28 países, orientando diretrizes sobre nutrição e saúde da criança em contextos diversos.

Esses exemplos mostram como evidências científicas podem atravessar fronteiras e ganhar força como insumos para políticas públicas, com impacto direto sobre saúde, nutrição, desenvolvimento infantil e redução de desigualdades. O Brasil tem produzido estudos que não apenas orientam suas próprias políticas, mas que também influenciam as agendas globais.

3. A participação feminina

Um dado que salta aos olhos nesta análise é a baixa presença de mulheres entre os pesquisadores que mais influenciam políticas públicas. Das 107 pessoas mapeadas, apenas 22 são mulheres, o que corresponde a 20,5% do total. Isso significa que, em um universo onde as decisões moldam políticas ambientais, de saúde e econômicas, a voz feminina ainda é bastante limitada.

A distribuição, no entanto, não é homogênea. Áreas como alimentação e nutrição concentram cinco mulheres entre 16 pesquisadores (31,3%), e em economia e finanças são quatro entre 14 (28,6%). Esses dois campos destoam positivamente, mostrando que há espaços de maior diversidade de gênero quando o foco é a interface entre ciência, consumo, desigualdade e políticas sociais.

Já em outros temas tradicionalmente estratégicos para o país, a presença feminina se reduz drasticamente. Em doenças não transmissíveis e serviços, aparecem quatro mulheres entre 17 nomes (23,5%). Em doenças infecciosas e vacinas, apenas quatro mulheres figuram entre 22 pesquisadores (18,2%). E em ecossistemas e uso da terra, eixo mais numeroso, são apenas cinco entre 37 (13,5%).

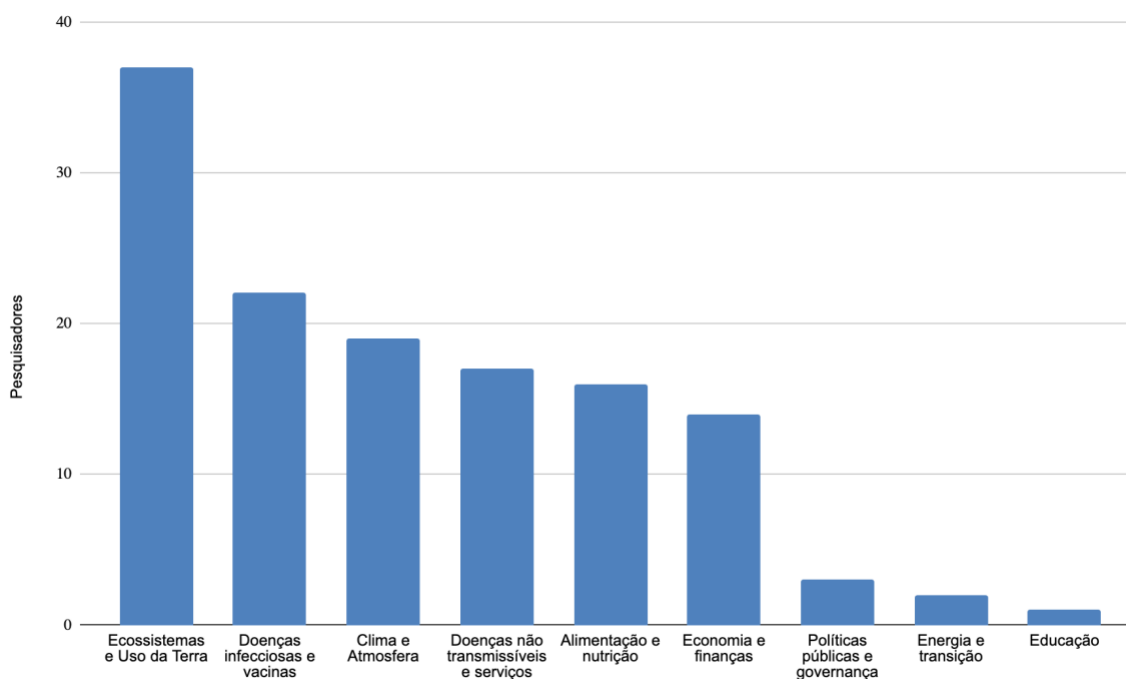
Alguns nomes ilustram a relevância dessa presença: Micheline de Sousa Zanotti Stagliorio Coêlho (USP), com trabalho relevante sobre os impactos de variáveis atmosféricas na saúde humana; Renata Bertazzi Levy (Nupens/USP), referência em epidemiologia nutricional; Ane Alencar (IPAM), destaque em mudanças climáticas, desmatamento e incêndios florestais na Amazônia brasileira; e Ester Sabino (USP), com forte atuação no estudo de vírus emergentes e papel fundamental durante a pandemia de Covid-19.

O quadro se agrava em campos como clima e atmosfera, energia e transição, políticas públicas e governança e educação, onde não há mulheres entre os nomes destacados. A ausência nesses setores revela que, mesmo quando a produção científica feminina é reconhecida, ela ainda enfrenta barreiras para se traduzir em influência política nesses temas centrais.

4. Principais temas

Os 107 pesquisadores brasileiros com pelo menos 150 citações em documentos estratégicos foram classificados em nove macrocategorias de acordo com os temas predominantes de sua produção e de sua influência em tomadas de decisão – sendo que um/a pesquisador/a pode ser classificado/a em mais de uma delas. A categoria ecossistemas e uso da terra concentra a maior parcela desses pesquisadores (37), seguida de doenças infecciosas e vacinas (22), clima e atmosfera (19), doenças não transmissíveis e serviços (17), alimentação e nutrição (16), economia e finanças (14), políticas públicas e governança (3), energia e transição (2) e educação (1).

Gráfico 1. Distribuição dos pesquisadores nas nove macrocategorias¹



Ecossistemas e uso da terra

Entre os 107 nomes mapeados, 37 (ou 35%) se destacam por concentrar esforços em temas que fazem do Brasil uma peça-chave no debate ambiental global. Esse grupo trata de desmatamento, conservação, restauração e do papel dos ecossistemas na regulação do clima e

¹ Nota metodológica: a soma das barras dá 131 pesquisadores, e não 107, que é o total de nomes, porque alguns cientistas estão em mais de uma área.

na oferta de serviços essenciais à sociedade. Suas pesquisas e falas costumam alimentar decisões de governo, relatórios internacionais e campanhas de organizações ambientais.

Esse universo vai desde estudos sobre a expansão agrícola e seus impactos até propostas de recuperação de áreas degradadas e monitoramento da perda de florestas tropicais. As contribuições não ficam restritas ao campo acadêmico: elas ajudam a desenhar programas de reflorestamento, orientar acordos climáticos e balizar metas de desmatamento zero. É um eixo que conecta biodiversidade, economia e política externa, traduzindo ciência em linguagem que chega às mesas de decisão.

Entre os representantes influentes estão João S. Campari (Governo Federal do Brasil), Pedro H. S. Brancalion (USP/IPEF), Bernardo B. N. Strassburg (PUC-Rio), Britaldo Soares-Filho (UFMG) e Ane Alencar (IPAM).

Clima e atmosfera

Aqui estão 19 pesquisadores cuja produção vai muito além das páginas de artigos científicos: são eles que ajudam a colocar o Brasil no centro das discussões sobre mudanças climáticas, qualidade do ar e eventos extremos. Este grupo alimenta relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), participa de negociações internacionais e influencia diretamente políticas nacionais de mitigação e adaptação.

O escopo vai de modelagem climática global à medição dos impactos de ondas de calor, passando pelo monitoramento da poluição do ar e seus efeitos na saúde. Esses especialistas têm sido decisivos para traduzir dados técnicos em mensagens claras sobre riscos, vulnerabilidades e soluções, municiando desde gestores municipais até ministérios federais.

Entre os nomes que se destacam nesse campo estão Paulo Hilário Nascimento Saldiva (USP), Carlos Nobre (Inpe), José Marengo (Cemaden) e Mercedes Bustamante (UnB).

Doenças infecciosas e vacinas

São 22 pesquisadores que se tornaram fundamentais para entender e enfrentar epidemias e emergências sanitárias no Brasil e no mundo. Esse grupo ajudou a moldar políticas públicas em resposta a surtos como zika, dengue e Covid-19, além de influenciar decisões sobre o Programa Nacional de Imunizações. Suas pesquisas vão de ensaios clínicos e desenvolvimento de vacinas até estudos epidemiológicos que revelam padrões de transmissão e eficácia das campanhas de imunização.

É um campo em que ciência e política caminham juntas: esses pesquisadores produzem dados que alimentam decisões do Ministério da Saúde, agências regulatórias e organizações

multilaterais. São eles que explicam como uma epidemia se comporta, quais vacinas devem ser priorizadas e quais medidas de prevenção podem salvar mais vidas.

Entre os nomes citados nesse eixo estão Álvaro Avezum (Instituto Dante Pazzanese e Hospital Oswaldo Cruz), Beatriz Grinsztejn (Fiocruz), Valdiléa Veloso (Fiocruz), Júlio Croda (Fiocruz/UFMS) e Maurício Nogueira (Famerp).

Doenças não transmissíveis e serviços

Esse grupo reúne 17 pesquisadores que se tornaram referência quando o assunto são as chamadas doenças crônicas — como câncer, diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e respiratórias — e também a organização e avaliação dos serviços de saúde. É uma área que influencia diretamente políticas públicas sobre prevenção, tratamento e gestão de sistemas hospitalares e ambulatoriais.

As pesquisas aqui vão desde estudos sobre fatores de risco e impacto das doenças até a avaliação de programas de saúde pública, qualidade do cuidado e estratégias para ampliar o acesso a serviços. Essas contribuições têm ajudado a pautar decisões do SUS, programas de rastreamento, regulação de medicamentos e campanhas de prevenção.

Entre os nomes proeminentes nesse eixo Paulo Lotufo (USP), Deborah Carvalho Malta (UFMG), Christian Kieling (UFRGS), Waleska Teixeira Caiaffa (UFMG) e Bruce Bartholow Duncan (UFRGS).

Alimentação e nutrição

São 16 pesquisadores que têm se dedicado a mostrar como a comida que chega ao prato é também um tema de saúde pública e de formulação de políticas. Esse grupo influencia debates sobre rotulagem de alimentos, regulação de ultraprocessados, programas de alimentação escolar e estratégias para combater a obesidade e outras doenças associadas à dieta.

A pauta vai muito além de calorias: envolve desigualdade no acesso a alimentos in natura, efeitos da publicidade sobre crianças, custos sociais e econômicos da má alimentação e, claro, a defesa de políticas que garantam comida saudável e acessível à população.

Entre os nomes de destaque estão Cesar Victora (Ufpel), Carlos Monteiro (USP), Patrícia Constante Jaime (USP), Maria Laura Louzada (USP) e Renata Levy (USP).

Economia e finanças

Nessa frente aparecem 14 pesquisadores que aproximam os mundos da economia, das finanças e das políticas públicas. São vozes que influenciam o debate sobre desigualdade, mercado de trabalho, tributação e o papel do Estado na regulação econômica. Também entram aqui análises sobre crédito, desenvolvimento sustentável e mecanismos financeiros de enfrentamento das mudanças climáticas.

Esses especialistas se tornaram referências porque suas pesquisas vão muito além de modelos teóricos: orientam escolhas de governos, embasam relatórios de organismos multilaterais e ajudam a calibrar decisões de mercado.

Entre os nomes de destaque estão Rafael Goldszmidt (FGV), Sergio Firpo (FGV e Insper), Rodney García Rocha (FGV e UFRJ), Gustavo Suárez (Banco Central do Brasil).

Políticas públicas e governança

Com apenas três pesquisadores, essa categoria foca em como políticas são desenhadas, avaliadas e executadas no Brasil. Eles são Claudio Ferraz (PUC-Rio e Ipea), Peter May (UFRJ) e Gustavo Suárez (Banco Central do Brasil).

Energia e transição

Mesmo com apenas dois pesquisadores destacados, esse campo conecta ciência, economia e política energética. A pauta é a transição para fontes renováveis, as emissões ligadas ao setor energético e as oportunidades de inovação tecnológica. Os nomes são Abel Packer (Fap-Unifesp) e Giselda Durigan (Instituto Florestal).

Educação

Com apenas um pesquisador destacado, essa categoria mostra como a área da educação também tem força para influenciar políticas públicas. Claudio Ferraz (PUC-Rio e Ipea) examina como incentivos, gestão e desigualdade interferem no aprendizado, fornecendo subsídios diretos a reformas que buscam eficiência e equidade. É um lembrete de que ciência de qualidade em educação é rara, mas decisiva para o futuro do país.

5. ODS 13: Ação contra a mudança global do clima

Olhando especificamente para os documentos relacionados a políticas públicas ligadas ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS 13: Ação contra a mudança global do clima, dada a proximidade da COP30 no Brasil e o interesse latente no tema, vemos, dentre os 50 cientistas com mais menções, uma presença importante de pesquisadores do Inpe, da USP e da UFRJ.

Como exemplos de cientistas com impacto internacional em documentos relacionados ao ODS 13, destacam-se:

- Micheline de Sousa Zanotti Stagliorio Coêlho (USP), citada no relatório “Climate Change 2021: The Physical Science Basis”, publicado em 2021 pelo IPCC — documento referenciado por mais de 4.200 outros relatórios de políticas;
- Paulo Artaxo (USP), citado no relatório “AR6 Climate Change 2022” (IPCC), documento referenciado por mais de 3.500 outros relatórios de políticas;
- Bernardo Strassburg (PUC-Rio), cujo trabalho embasou o relatório “Global Warming of 1.5°C” da Organização Meteorológica Mundial (WMO), amplamente utilizado por formuladores de políticas climáticas em diversos países;
- Mercedes Bustamante (UnB), cujo trabalho embasou o Workshop “Report on Biodiversity and Pandemics” da Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), publicado em 2020, utilizado como referência em mais de 130 documentos de políticas ambientais globais (seu trabalho também foi citado no “Primeiro Relatório Bienal de Transparência do Brasil à Convenção do Clima”, publicado em 2025 pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo do Brasil, contribuindo para a consolidação de dados nacionais de mitigação);
- Alexandre C. Köberle, Pedro Rochedo e Roberto Schaeffer — os três da UFRJ —, que contribuíram com o “Emissions Gap Report 2022” do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Unep), documento central nas negociações multilaterais sobre transição energética;
- Luciana V. Gatti (Inpe), citada no relatório “Forest and Ice Tipping Points in the Earth System”, publicado em 2025 pela Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), que alerta para os riscos de colapso de grandes sistemas naturais como a Amazônia e as calotas polares diante do aquecimento global (ela também é citada no Relatório Bienal de Transparência, publicado em 2024 pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo do Brasil, documento que apresenta indicadores técnicos sobre emissões e remoções de gases de efeito estufa);

Entre exemplos de influência nacional, vale mencionar:

- Ane Alencar, do Ipam (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), citada na “Análise de Conjuntura dos Biocombustíveis Ano 2022”, pela Empresa de Pesquisa Energética do Governo do Brasil, documento que orienta decisões sobre políticas energéticas sustentáveis (também citada internacionalmente em “The State of the World’s Forests 2020: Forests, Biodiversity and People”, relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), amplamente utilizado em políticas sobre florestas tropicais;
- Lincoln M. Alves (Inpe), citado no “Guia Prático sobre Mudanças Climáticas e Transição Energética” publicado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em 2025, que oferece orientações técnicas sobre adaptação e descarbonização do setor elétrico;
- José A. Marengo, do Cemadem (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais), citado no estudo “Mudança do Clima no Brasil: Síntese Atualizada e Perspectivas para Decisões Estratégicas”, coordenado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), que consolida evidências nacionais para a formulação de estratégias climáticas;
- Luiz Eduardo Oliveira e Cruz de Aragão (Inpe), citado no “Plano de Manejo da Floresta Nacional do Tapajós”, elaborado pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), integra conhecimento científico e gestão territorial para orientar políticas de uso sustentável da floresta amazônica.

Conclusão

O retrato apresentado neste relatório mostra que a ciência brasileira exerce influência concreta sobre políticas públicas, mas de maneira desigual entre áreas e perfis de pesquisadores. As nove macrocategorias revelam onde a interface ciência-política está mais consolidada e onde ainda há lacunas relevantes. A baixa participação feminina e a concentração em determinados campos reforçam a necessidade de ampliar a diversidade e democratizar o acesso à formulação de políticas.

Para os próximos anos, é possível projetar que temas como transição energética, adaptação climática e sistemas alimentares ganharão ainda mais peso, acompanhando a agenda internacional. Do mesmo modo, a pressão sobre sistemas de saúde e a busca por maior equidade social devem ampliar a demanda por evidências científicas em doenças crônicas, vacinas e serviços de saúde.

Esse cenário abre espaço para que universidades, centros de pesquisa e organizações da sociedade civil fortaleçam suas estratégias de comunicação, garantindo que resultados científicos circulem de forma mais ampla e qualificada. Recomenda-se ainda ampliar mecanismos de monitoramento, como os utilizados neste relatório, para identificar em tempo real como a ciência é incorporada em decisões públicas.

Compreender a presença e o impacto dos pesquisadores brasileiros no espaço das políticas públicas é não apenas reconhecer sua relevância atual, mas também antecipar as áreas em que a ciência pode contribuir de maneira decisiva para os desafios do país.

Anexo 1 - Relação de 107 pesquisadores do Brasil com mais menções em políticas públicas

Nome	Afiliação	Documentos	Artigos
César G Victora	Universidade Federal de Pelotas	3.109	231
Carlos Augusto Monteiro	Universidade de São Paulo	890	142
Aluísio J D Barros	Universidade Federal de Pelotas	874	143
Paulo Hilário Nascimento Saldiva	Universidade de São Paulo	631	100
Pedro C Hallal	Universidade Federal de Pelotas	618	72
João S Campari	Federal Government of Brazil	586	3
Pedro H S Brancalion	Forest Science and Research Institute / USP	583	106
Bernardo B N Strassburg	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	572	43
Álvaro Avezum	Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia / Hospital Alemão Oswaldo Cruz	567	96
Britaldo Soares-Filho	Universidade Federal de Minas Gerais	564	88
Rafael Goldszmidt	Fundação Getulio Vargas	542	6
Abel L Packer	Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo	536	2
Roberto Schaeffer	UFRJ	531	90
Carlos A Nobre	Universidade de São Paulo	503	74
Luiz E O C Aragão	National Institute for Space Research	492	84
Lucas Guimarães Abreu	Universidade Federal de Minas Gerais	462	14
Micheline de Sousa Zanotti Stagliorio Coêlho	Universidade de São Paulo	440	23
José A Marengo	Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais / National Institute for Space Research / Universidade de São Paulo	426	124
Renata Bertazzi Levy	Universidade de São Paulo	405	85
Philip M Fearnside	National Institute of Amazonian Research	393	163
Ane Alencar	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia	392	38
Sergio Firpo	FGV / INSPER	391	23
Clinton N Jenkins	Instituto de Pesquisas Ecológicas	383	18
Beatriz Grinsztejn	FIOCRUZ	381	116
Mercedes Bustamante	University of Brasília	366	50
Giovanny Vinícius Araújo de França	Universidade Federal de Pelotas	365	12
Fernando C Barros	Universidade Federal de Pelotas	357	81
Maicon Falavigna	Hospital Moinhos de Vento / UFRGS	356	33
Geoffrey Cannon	Universidade de São Paulo	346	17
Bernardo L Horta	Universidade Federal de Pelotas	323	63
Renato Crouzeilles	PUC-RIO / UFRJ	318	27

Christian Kieling	UFRGS	316	38
Deborah Carvalho Malta	Universidade Federal de Minas Gerais	302	46
Flávia Ribeiro Machado	Federal University of Sao Paulo	294	40
Paulo A Lotufo	Universidade de São Paulo	293	45
Rodney García Rocha	FGV / UFRJ	290	11
Maria Laura da Costa Louzada	Universidade de São Paulo	277	43
André F.P Lucena	Federal University of Rio de Janeiro	276	48
Jean-Claude Moubarac	Universidade de São Paulo	274	18
Ima Célia Guimarães Vieira	Museu Paraense Emílio Goeldi	264	62
Paulo Artaxo	Universidade de São Paulo	260	93
Blandina Felipe Viana	Federal University of Bahia	256	27
Samuel Osorio	Universidade de São Paulo	256	10
Patrícia Constante Jaime	Universidade de São Paulo	255	30
Breno Magalhães Freitas	Universidade Federal do Ceará	252	39
Carlos Carvalho	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	249	19
Raoni Rajão	Universidade Federal de Minas Gerais	247	28
Claudio Ferraz	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro / Institute of Applied Economic Research	234	9
Álvaro Iribarrem	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	233	10
Paulo Moutinho	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia	227	24
Valdiléa G Veloso	FIOCRUZ.	227	51
Jean Paul Metzger	Universidade de São Paulo	223	64
Waleska Teixeira Caiaffa	UFMG	221	41
Felipe Barreto Schuch	UFSM / UFRGS	219	64
Gulnar Azevedo e Silva	Rio de Janeiro State University	218	19
Bruce Bartholow Duncan	Federal University of Rio Grande do Sul	215	34
Alexandre C Köberle	Federal University of Rio de Janeiro	214	16
Marcos Heil Costa	Universidade Federal de Viçosa	214	46
Pedro Rochedo	Federal University of Rio de Janeiro	214	32
Juliano Assunção	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	213	19
Luciano César Pontes Azevedo	Hospital Sírio-Libanês / USP	212	26
Luis Augusto Rohde	Federal University of Rio Grande do Sul	212	99
Maurício Lacerda Nogueira	Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto	212	22
Júlio Croda	FIOCRUZ / Federal University of Mato Grosso do Sul	211	39
Fábio Rúbio Scarano	Federal University of Rio de Janeiro	208	21
João Paulo Souza	Universidade de São Paulo	208	30

Alexandre Szklo	Federal University of Rio de Janeiro	205	56
Felipe Gomes Naveca	Oswaldo Cruz Foundation	205	20
Juliana Hipólito	National Institute of Amazonian Research / UFBA	204	12
Daniel Piotto	Federal University of Southern Bahia	202	74
Fernanda Rauber	Universidade de São Paulo	202	42
Carlos H Barrios	Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul	200	79
Vanderson de Souza Sampaio	University of the State of Amazonas / Fundação de Medicina Tropical	200	22
Paulo S Boggio	Universidade Presbiteriana Mackenzie	193	34
Neha Khandpur	Universidade de São Paulo	192	31
Ricardo Ribeiro Rodrigues	Universidade de São Paulo	192	40
Otávio Berwanger	Hospital Israelita Albert Einstein	191	23
Ludhmila Abrahão Hajjar	Universidade de São Paulo	189	30
Lincoln M Alves	National Institute for Space Research	184	38
Thiago Lisboa	Hospital de Clínicas de Porto Alegre	179	12
Victor Matsudo	Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul	178	7
Giselda Durigan	Instituto Florestal	178	36
Wuelton Marcelo Monteiro	University of the State of Amazonas / Fundação de Medicina Tropical	178	35
Carlos Souza	Imazon	177	21
Agnieszka E Latawiec	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	176	21
Christopher Millett	Universidade de São Paulo	176	18
Jos Barlow	Museu Paraense Emílio Goeldi / Federal University of Lavras	176	42
Mauro Schechter	Federal University of Rio de Janeiro	173	24
J R C Zanella	Brazilian Agricultural Research Corporation	172	21
Liana O Anderson	Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais	172	44
Alexander Christian Vibrans	Universidade Regional de Blumenau	170	19
Carlos Eduardo Pellegrino Cerri	Universidade de São Paulo	170	76
Mauricio Lima Barreto	Federal University of Bahia	170	51
Régis Goulart Rosa	Hospital Moinhos de Vento	170	14
Albert I Ko	Oswaldo Cruz Foundation	167	41
Eduardo Leite Vieira Costa	Hospital Sírio-Libanês / USP	165	7
Marcus Lacerda	Fundação de Medicina Tropical	218	57
Rodrigo Siqueira Reis	UFPR / PUCPR	164	28
Peter H May	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	163	15
Gilberto de Castro	Universidade de São Paulo	162	46

Os pesquisadores brasileiros que mais influenciam políticas públicas

Éster Cerdeira Sabino	Universidade de São Paulo	160	37
Viviane Cordeiro Veiga	Beneficência Portuguesa de São Paulo	159	15
Paulo Barreto	Imazon	159	12
Rafael H M Pereira	Institute of Applied Economic Research	158	17
Celso von Randow	National Institute for Space Research	154	22
Gilvan Sampaio	National Institute for Space Research	154	16
Gustavo Suárez	Central Bank of Brazil	154	1

Anexo 2 - Relação de 50 pesquisadores do Brasil com mais menções em documentos relacionados ao “ODS 13: Ação contra a mudança global do clima”

Nome	Afiliação	Documentos	Artigos
Roberto Schaeffer	Federal University of Rio de Janeiro	452	79
João S Campari	Federal Government of Brazil	431	1
Paulo Hilário Nascimento Saldiva	Universidade de São Paulo	381	55
Micheline de Sousa Zanotti Stagliorio Coêlho	Universidade de São Paulo	361	41
José A Marengo	Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais / National Institute for Space Research / USP	315	128
Carlos A Nobre	Universidade de São Paulo	296	67
Luiz E O C Aragão	National Institute for Space Research	280	66
Bernardo B N Strassburg	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	247	38
André F.P Lucena	Federal University of Rio de Janeiro	224	41
Britaldo Soares-Filho	Universidade Federal de Minas Gerais	205	64
Pedro Rochedo	Federal University of Rio de Janeiro	197	30
Alexandre C Köberle	Federal University of Rio de Janeiro	188	16
Mercedes Bustamante	University of Brasília	179	28
Pedro H S Brancalion	Universidade de São Paulo / Forest Science and Research Institute	160	59
Alexandre Szklo	Federal University of Rio de Janeiro	150	43
Lincoln M Alves	National Institute for Space Research	148	41
Ane Alencar	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia	146	29
Paulo Artaxo	Universidade de São Paulo	141	87
Luciana V Gatti	National Institute for Space Research	141	27
Liana O Anderson	Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais	136	34
José Roberto Moreira	Universidade de São Paulo	132	7
Renato Crouzeilles	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	125	14
Raoni Rajão	Universidade Federal de Minas Gerais	122	20
Paulo Moutinho	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia	116	23
Egídio Arai	National Institute for Space Research	112	12
Jean Paul Metzger	Universidade de São Paulo	108	29
Marcos Heil Costa	Universidade Federal de Viçosa	107	34
Lucas G Domingues	National Institute for Space Research	107	9

Márcia N Macedo	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia	105	16
Celso von Randow	National Institute for Space Research	104	15
Fábio Rúbio Scarano	Federal University of Rio de Janeiro	101	17
Agnieszka E Latawiec	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	100	15
Paulo M Brando	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia	99	33
Álvaro Iribarrem	Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro	97	8
Giselda Durigan	Instituto Florestal	94	27
L G Barioni	Brazilian Agricultural Research Corporation	92	14
Ima Célia Guimarães Vieira	Museu Paraense Emílio Goeldi	92	37
Ana Paula Aguiar	National Institute for Space Research	91	23
Caio Correia	National Nuclear Energy Commission	91	7
Abel L Packer	Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo	90	1
Jean Pierre Ometto	National Institute for Space Research	90	28
Gilvan Sampaio	National Institute for Space Research	84	10
Sin Chan Chou	National Institute for Space Research	83	30
Daniel C Nepstad	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia	82	25
Ana Paula Martins do Amaral Cunha	Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais	81	30
Henrique Cassol	National Institute for Space Research	81	5
Suzana Kahn Ribeiro	Federal University of Rio de Janeiro	77	5
Luciano Marani	National Institute for Space Research	76	3
Raiane A.L Neves	National Institute for Space Research	75	2
Stephane P Crispim	National Institute for Space Research	75	2